

UMHA LEITURA SOCIOLINGUISTICA DOS VERSOS “Probe Galícia, nom debes / chamar-te nunca espanhola, / que Espanha de ti se olvida”

MARIA DO CARMO HENRIQUEZ SALIDO

Universidade de Santiago

A presente comunicação só tenta ser umha leitura individual dos três primeiros versos que aparecem na parte IV da composição número 29, intitulada “A gaita gallega” que figura como resposta pessoal da “Cantora” “ao eminente poeta D. Ventura Ruiz de Aguilera”, pertencente ao livro *Cantares gallegos*, versos que em opinião do professor Varela (p. 105), fôrom objecto de “umha torpe e ainda sinistra prosa”.

Antes de mais queremos esclarecer que a denominação sociolingüística a entendemos, simplesmente, como umha base ou suporte para logo descrevermos e explicarmos as relações existentes entre a situação social da época em que a autora escreve estes versos e os elementos lingüísticos seleccionados por Rosalia. O termo sociolingüística, pois, nom deve ser interpretado no nosso trabalho como a “ciência interdisciplinária entre a sociologia e a lingüística” (Lewandowski, p. 332) ou com outras concepções existentes em manuais de sociolingüística recentes, senom com o valor que já tem sido sublinhado por nós.

A nossa contribuição está delimitada no *tempo*, que circunscrevemos em sentido estrito aos dous ou três anos anteriores a 1863 e no *segmento*, quer dizer, esses versos da estrofa, embora fagamos referência em certas passagens, ao conjunto de todo o texto que constitui *Cantares*. Já desde o início, tamém, anunciamos que por ser a nossa leitura individual mal fazemos referências bibliográficas, que som só as mínimas para justificarmos ou provarmos feitos históricos ou para analisarmos essa oração bipolar construída pola escritora, em que aparece umha cláusula negativa, cláusula que polas suas características pode apresentar todas as complexidades sintácticas ou semánticas. Manifestamos, além disto, que traduzimos todos os textos ao galego, porém em todo momento a nossa tradução é fiel ao original.

As nossas achegas divimo-las em quatro apartados fundamentais:

1.— Apresentação de um breve panorama da situação histórica do período compreendido entre 1856/58 a 1863, partindo dos contributos que levam feito os autores que ficam assinalados na “Bibliografía”. O espaço de tempo assi como a precisom da data está na afirmação de C.H. Poullain (p. 14) ao afirmar que os *Cantares* “fôrom compostos no ano que precedeu à publicação”, assi como nas informações de outros estudiosos que quase coincidem em situar no ano 1856, a data em que Rosalia começa a escrever em galego, pouco antes de casar com Murguia (10 de Outubro de 1858). Este tempo está dentro do que costuma denominar-se como o primeiro “ressurgimen-

to" das letras galegas, espaço que vai da maioria de idade de Isabel II à sua queda com a revolução de Setembro (1843-1868).

2.— A situação da nossa escritora e a língua galega dentro do contexto do romantismo europeu. Neste apartado tentamos demonstrar que Rosalia é um genuíno exemplo das teses formuladas já no século XVIII por Herder e mais tarde por Humboldt. Neste segundo bloco, utilizamos como material básico de trabalho as próprias palavras da "Cantora" no "Prólogo" de *Cantares*, porém fazemos umha breve alusão a "Duas palavras da autora" em *Folhas novas* (1880), justamente para que fique bem manifesto que Rosalia, como aponta Carballo Calero (1975, p. 169), se sente "naturalmente galega e ceibe de todo prejuízo em favor do Estado espanhol. Pero de nengum jeito possui um programa político de reivindicação regionalista".

3.— Umha análise sintáctica da oração bipolar causal e especificamente dos elementos léxicos que a contituem. Estudamos com mais detalhe essa construção que em gramática gerativa denominam como *termo de polaridade negativa* (TPN), pois o seu funcionamento está condicionado a que na cláusula apareça umha negação, pois que sem ela a seqüência resultaria agramatical. Além desta análise, elaboramos um estudo singelo de dous elementos léxicos que integram o segmento: as palavras *probe*, clara metátese vulgar, e *Galícia*, vocábulo usado em lugar da forma galega "legítima, incontestavelmente genuína, e para nós diferenciadora" (Comisson lingüística da AGAL, p. 72), *Galiza*.

Afinal organizamos umhas conclusons.

* * *

0. E um feito bem conhecido que Galiza, ainda que Barreiro (p. 178) assinale já a presença de ideias revolucionárias procedentes da França nos últimos anos do séc. XVIII, chega relativamente tarde a esse "promíscuo localismo da Europa do oitocentos" (Varela, p. 13). A busca de umha consciência de diferenciação aparece antes na Bretanha, em Catalunha e na Provença, mas na Galiza os autores consultados por nós quase todos coincidem em situar este fenómeno na década de 1840 (Villares, 1981, p. 278) ou nom mais alá de 1842 (Varela, p. 29) assi como em pôr as origes do galeguismo já como umha esperança imorrente o 5 de Maio de 1846 (Barreiro, p. 185), umha vez posto em prática em Abril desse mesmo ano com o fusilamento dos mártires em Carral.

Nesses anos (1856/58-1862/63) hai umha alta esperança de vida e umha desapareção quase definitiva da mortalidade catastrófica; a taxa de emigração é ainda pouco elevada. As classes sociais fundamentais som os *fidalgos* que recebem as rendas e que tenhem peso específico até justamente este período, para logo começar a perder o seu poder; os *camponeses*, que por ser a sociedade de base agrária é o grupo social mais numeroso, que trabalham a terra e que "pagam por todo"; umha reduzida *burguesia* urbana nom-galega; e *marinheiros*. Hai fames periódicas, freqüentes na costa, por exemplo ano 1862. A agricultura, num estado ruinoso, está enraizada num sistema de produção feudal. Hai umha ausência de instituições políticas próprias e a política

galega fica reduzida ao galeguismo ou à participação na dinâmica da política espanhola. O exército aproveita toda ocasião para pronunciar-se em forma progressista: em 1854 para dar passo ao chamado “Biênio progressista” e, em 1868, na revolução. Salienta inclusive Varela (p. 94) que havia umhas tendências extremistas no ano 1861, e aponta que nom se transigiria “com esta exigência revolucionária senom para moderar, para ensurdecer eclecticamente as tendências extremistas que entom apontavam”.

Rosalía vive, conseqüentemente, num ambiente em que se dam: perda de poder dos fidalgos, próxima a uns camponeses que trabalham a terra que nom é deles e que pagam por todo, fames periódicas, pronunciamentos em forma progressista do exército. Rosalía, por outra parte, forma parte do que costuma denominar-se como “a segunda geração galeguista” que vai desde 1854 a 1868, que segundo Barreiro (p. 190) “mantém o ideal galeguista, mas maiormente a reivindicação do idioma galego, que usa, ademais de como meio de expressom, como meio de contestação”.

Em resumo, as estruturas políticas e sociais som as mais idóneas para que a nossa “Cantora”, possuidora de umha extraordinária e aguda sensibilidade e compreensão ante a marginalização, denuncie as situações de opressom e injustiça. E isto está bem claro, embora certos autores como Poullain (p. 162) saliente que é umha escritora “sem preocupação social” ou Varela (p. 105) diga que em Rosalía hai só “sincera ver-som feminina de um despecho condicionado a umha situação presente e contingente”.

1. O problema das relações entre língua e povo puxo-se, como assinala entre outros Marcellesi (p. 24), por primeira vez no ano 1757, quando se formula esta questão: “Qual é a influência das opiniões do povo sobre a language, e da language sobre as opiniões do povo?”. A resposta a esta pergunta conduziu a Herder a formular umha tese, segundo a que umha nação tem a visom do mundo que lhe impom a organização da sua língua. Herder pom de relevo que é impossível separar a language do pensamento e como language e pensamento eram interdependentes, só se podia entender plenamente o pensamento e a literatura *popular* de um povo, estudando a sua língua própria. Estas ideias, nom obstante, já tinham sido exprimidas antes, mas vai ser agora, ao iniciar-se o romantismo europeu e em especial o alemão, o momento em que as forças nacionalistas europeias vam reafirmar o carácter individual das línguas de cada nação.

W. von Humboldt (1767-1835) leva ao extremo as ideias de Herder e entende que as individualidades de cada língua som umha propriedade distintiva do povo ou nação que fala dita língua e por isso declara que “a língua de um povo é o seu espírito, e o seu espírito é a sua língua”. Com Humboldt, pois, nace umha concepção *histórico-social* que mui sinteticamente poderíamos resumir assi: a língua fai à nação, a nação fai à língua. A língua converte-se numha espécie de *memória colectiva* do povo que a fala, nom tanto polo feito de que permite o discurso sobre esse passado, senom porque em certo modo o reflecte. Nom é outra a praxe de Rosalía quando escreve “puxem o maior cuidado em reproduzir o verdadeiro *espírito do nosso povo*, e penso que o conseguimos em algo”.

Declara Carvalho Calero (1984, p. 143) que nom se pode qualificar a Rosalia “sem mais aclaracions, de poetisa romántica” pois isto seria “limitá-la, seria empenecê-la”, porém considera inevitável que “a carreira da nossa autora se enceta sob o signo do romantismo”, pois que o romantismo supom umha importante medida de liberdade para a mulher. Hai outro dado, além disso, que incide sobre esta declaração do nosso professor e mestre, e é que Rosalia nace o 24 de Fevereiro de 1837, ano em que o romantismo ainda estava em pleno furor e vigor, mas temos que ter mui presente que o romantismo nom podemos prolongá-lo muito mais do ano 1845, quando Rosalia tem oito anos. Rosalia, nom obstante, passa os seus primeiros anos nesse ambiente e por isso formula umha série de postulados em que se recolhem as suas aspiracions de *liberdade*, a sua identificaçom com as classes trabalhadoras, e o seu compromisso com esse povo que fala essa língua. Todo isto podemos-lo demonstrar, reproduzindo só as próprias palavras da “Cantora” que figuram no “Prólogo” de *Cantares*:

a) “*Grande atrevemento*”. Hai umha consciéncia plena de que nessa altura dar a luz um livro redigido numha língua considerada como “inferior” supunha umha grande ousadia, era um facto autenticamente revolucionário. Este fenómeno era “obra tam difícil” polo feito de usar, para maior esclarecimento, “um *dialecto* soave e mimoso que querem fazer bárbaro os que nom sabem que aventaja às demais *línguas*”. Hai nesta declaração de Rosalia umha igualdade entre galego e castelhano, se nom se quer assumir con mais precisom, que para Rosalia o galego avanta a demais línguas.

b) “*Haréncia própia*”. A literatura oral é umha herdança que pertence ao povo, e ao sentir-se identificada com o seu povo, considera herdança própria esses cantares, transmitidos de pais a filhos, justamente para demonstrar e provar que “o nosso *dialecto* doce e sonoro é tam apropiado como o primeiro pra toda classe de versificação”. Rosalia declara-se identificada com o povo galego.

c) “A nossa terra é dina de alabanças, e que a nossa língua nom é aquela que bastardeam e champurram torpemente nas mais ilustradísimas províncias”. Os que nom louvam a Terra e bastardeam e champurream o galego, som na opiniom de Rosalia “ignorantes” (os mesmos dos que falará Pondal?) e “injustos”, pois pintam com falsedade aos filhos da Galiza como à Galiza mesma.

d) “Um médio de fazer-lhe mais palpable a Espanha a injustícia que ela à sua vez conosco comete”. Rosalia entende que neste mundo todo está compensado e “Espanha que nunca venceu aos franceses” sofre “de umha naçom vizinha que sempre a ofendeu, a mesma injustícia” que ela comete com os galegos, por isso, inclusive, lhes está agradecida. Nestas ideias fica bem patente o *móbil* que a guiou a escrever este livro.

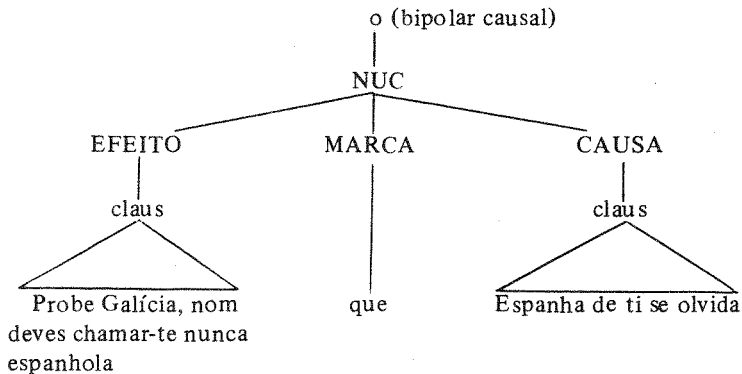
e) “Sem gramática nem reglas de ningumha clas”. Rosalia propom-se, unicamente, *reproduzir* o espírito do povo, e por isso reproduz o galego que ouve falar ao seu redor, um galego rústico, mas é plenamente consciente que contém “faltas de ortografia” e que hai giros que disoam aos ouvidos de um purista.

Em *Cantares* vem-se com toda clareza o tema —Galiza—, o móbil —fazer-lhe mais palpável a Espanha a injustiça que comete com os galegos— e o compromisso com a Terra —denunciar as injustiças e a opressão—.

Poderia parecer que a nossa escritora umha vez escritos e publicados os *Cantares*, e umha vez que hai importantes mudanças de carácter político, deixou ou nom praticou esse labor de denúncia e que renunciou a esse móbil de juventude, porém isto nom é assi. É um facto evidente que entre a publicação de *Cantares* e *Folhas* passam bastantes anos, mas a própria Rosalia demonstra dezassete anos mais tarde, que durante todo esse tempo tivo presente o móbil que a conduziu a escrever o primeiro livro: declara em “Duas palavras da autora” que está obrigada com essas gentes que sofrem e gemem e por isso tem que seguir escrevendo e tem que seguir utilizando como “arma” a língua desse povo. A cópia literal das palavras da autora nom oferece possibilidades de dúvida “... ieu comprendim que desde esse momento quedava obrigada a que nom fosse o primeiro i o último. N’era cousa de chamar as gentes à guerra e desertar da bandeira que eu mesma havia levantado”.

2. Considera G. Rojo (p. 126) oraçõs bipolares as “constituídas imediatamente por duas cláusulas que mantemem entre si umha relação de interordinação”. Se tomarmos o caso das causais vemos que “é forçoso que se dê a cláusula que expressa a causa e, ao seu lado, a cláusula que indica o seu efeito, o feito causado” (G. Rojo, p. 104). No segmento que nos ocupa:

(1)



Ao analisarmos agora a cláusula que funciona como “EFEITO” observamos que é umha cláusula negativa e as negativas, como sinala Bosque (pp. 11-12) podem apresentar todas as complexidades sintácticas e semânticas e hai acordo entre os autores em afirmar que “umha oraçom negativa é o resultado de umha certa operaçom sobre a correspondente proposiçom afirmativa”, isto é, a oraçom negativa construi-se sobre a oraçom afirmativa, supom-na de algum modo como preexistente a ela. Aponta, assi mesmo, que hai autores que opinam que quando o falante comunica algo ao ouvinte mediante umha frase negativa, presupom que o ouvinte fai sua como certa a correspondente frase positiva.

Assi nas construções que apresentamos a seguir:

- (2) a. Probe Galícia, debes chamar-te espanhola.
b. Probe Galícia, nom debes chamar-te espanhoia.

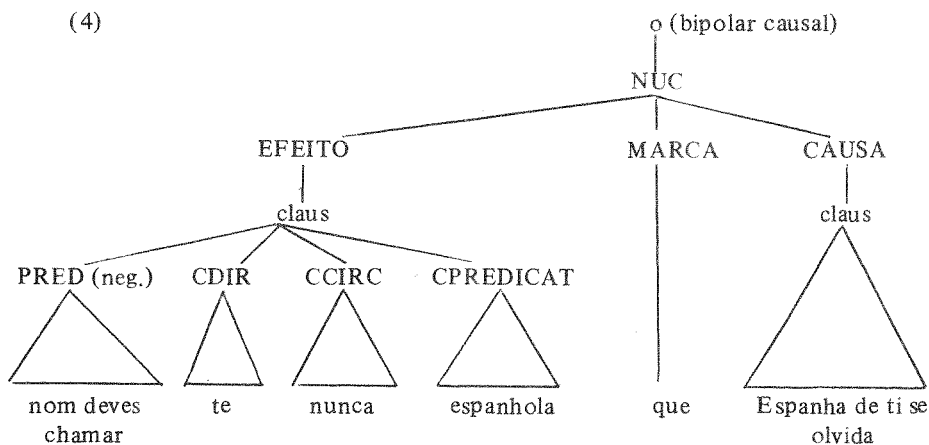
A construção (2) b. presupom que o ouvinte ou leitor a quem está dirigida fai sua como certa a oração afirmativa. Ambas as duas seqüências som gramaticais e a sua estrutura formal é independente da existência do advérbio *nom*.

Rosalia, nom obstante, nom selecciona umha estrutura como a anterior, pois que utiliza um advérbio negativo em posição postverbal —o advérbio *nunca*— que é, justamente, um elemento que fai depender a sua função da presença de um elemento negativo, por isso recebe a denominação em gramática gerativa de *temos de polaridade negativa*. Umha seqüência construída sem esse elemento negativo é a todas luzes agramatical:

- (3) a. Probe Galícia, nom debes chamar-te nunca espanhola.
b. *Probe Galícia, debes chamar-te nunca espanhola.

Na seqüência (3) b. vemos que existe agramaticalidade, pois nom aparece o advérbio *nom*, um elemento que é imprescindível e este fenómeno regista-se porque a presença do advérbio negativo *nunca* vai modificar de tal modo os elementos dessa oração até o ponto de que fica modificada a forma em função dessa seqüência. Hai algo no resto dos seus componentes que fai depender a sua função à presença de um elemento negativo.

Despois de assinaladas as complexidades sintáticas desta cláusula que funciona como “EFEITO”, devidas à presença dos advérbios *nom* e *nunca*, vejamos agora a sua estrutura, constituída por umha estrutura adjacente com função apelativa, o segmento /Probe Galícia/ e as seguintes funções sintáticas:



Observemos que o PRED da cláusula que funciona como EFEITO está constituído por umha perífrase verbal /dever + infinitivo/ que segundo G. Rojo (1974, p. 51) apresen-

ta um verbo dever que “é um verbo cujo carácter semântico contém já a nota de obrigatoriedade” e de que “hai que ter mui presente que dever só significa obrigação em sentido geral quando vai acompanhado de um infinitivo”. Mui oportuno é para nós o critério de Tobler, recolhido por Bosque (p. 51), quem o toma de Llorens, ao afirmar: “Tobler concluiu que tais construções som ilógicas, pois, ao seu juízo expressons como ‘nom debes ir’ significam ou devem significar ‘nom tenhem a obrigação de ir’, mentres que o sentido que costuma atribuir-se-lhes é ‘tés a obrigação de nom ir’”. Assi, o significado das seqüências:

- (5) a. Nom téis a obriga, Galiza, de chamar-te nunca espanhola.
- b. Téis a obriga, Galiza, de nom chamar-te nunca espanhola.

nom é o mesmo e se interpretamos a opinião de Tobler, o significado da seqüência construída por Rosalia é o do (5) b. e nom seria correcto, pois, atribuir-lhe o sentido de (5) a.

A respeito dos elementos léxicos, digamos que o verbo *chamar*, na presente cláusula, é um verbo pronominal que tem como acepção “ter o nome de” ou “dar o nome de”. A forma *probe*, umha metátese vulgar mui estendida hoje quer em galego-português quer em espanhol, pode significar no texto de *Cantares* (temos registrado até um total de vinte e três casos) ou “a persoa que nom tem o necessário à vida” ou “os que nom tenhem recursos” ou “aos dignos de lástima, de compaixom, os infelizes”, mas no exemplo que nos ocupa nom considerariámos errado atribuir-lhe as duas últimas acepções: Galiza nom tem o necessário à vida e as suas gentes som dignas de lástima, de compaixom. Manifestemos, por último, que Rosalia por reproduzir o galego que ouve, usa a forma nom genuinamente galega, em vez da legítima, *Galiza*.

3. Conclusons

1^a) O motivo de termos seleccionados estes versos, que fõrom objecto de umha “torpe e sinistra prosa” foi, singelamente, para que no presente Congresso, Rosalia nom ficasse reduzida a umha escritora “do coração”, “folclorista”, “com audácias métricas ou estilísticas”, etc., pois Rosalia, e nisto sumamo-nos aos que opinam como F. Rodríguez (im “ANT” pp. 25-32) apresenta-se-nos como umha defensora “desde dentro dos valores de uso de umha cultura e de umha sociedade da que se exponhem as condutas típicas colectivas”. Rosalia, para nós, é umha grande patriota, é a voz da colectividade galega e por esta razom, consideramo-la como umha poetisa social que denuncia as situações de opressom e injustiça. Em Rosalia nom hai umha visom da Galiza tranquilizadora e submissa.

2^a) Fazemos ênfase na tese de R. Carballo Calero (1975, p. 173) de que “só o povo galego pode gozar em toda a sua plenitude dessa poesia. Qualquer alheio com sensibilidade e simpatia pode perceber o enlevo dos *Cantares*. Mas só o que recebeu no berce o sacramento da galegitude pode se sentir ungido até as suas entranhas

polo orvalho divino dessa graça tam nossa na que o génio da gente galega se fai forma artística sem deixar de ser substância real”.

3ª) Por dar-se na Galiza nos anos anteriores a 1863 um conjunto de circunstâncias históricas, assinaladas em resumo por nós, Rosalia tem umha consciência mui clara dos problemas que apresenta essa Galiza pobre, essa Galiza aldrajada, essa Galiza a quem usurpam os seus recursos; ela assume a condição de sofredora do ser humano, a dor da Terra, a dor da Pátria e pos isto, temo-la que considerar como umha lutadora comprometida com as classes populares do País. Rosalia, além disto, identifica, nos versos que estudamos, perfeitamente à opressora.

4ª) Mesmo para os que sustentem a tese de que Rosalia nom pode considerar-se como umha poetisa social, haveria que precisar que mesmo assi, nom se lhe pode negar, em determinados momentos e lugares da sua obra, a presença de denúncias tam radicais como as que temos analisado.

5ª) Para os que pretendem reduzir Rosalia a umha escritora com sensibilidade ou com umha sintonia com a pobreza e miséria, digamos que além disso existe tamém na nossa escritora umha afirmação radical do compromisso com a Terra.

6ª) Rosalia escreve em galego por compromisso com a sua Terra, com as suas gentes e isto implica necessariamente utilizar a língua desse povo para reproduzir o seu espírito. Este compromisso nom é um fenómeno isolado e assi o manifesta a própria autora em *Folhas*. No tema da língua achamos umha praxe de normalizar esse idioma aldrajado polos ignorantes, pois Rosalia intui que é o sinal de identidade mais importante desse povo.

7ª) Se nom se pode falar de nacionalismo em Rosalia, si hai que reconhecer que se regista umha capacidade nacionalista, provocada pola sua capacidade de visom intelectual.

Bibliografía

- A Nosa Terra. Extra nº 1 (Rosalia Viva)*: Vigo, 1984 (citada “ANT”).
- Xosé Ramón Barreiro Fernández e outros: *Historia de Galicia*, Frente Cultural da ANPG, Pontevedra, 1979, pp. 147-205.
- Xosé Carlos Bermejo e outros: *Historia de Galiza*, Alhambra, Madrid, 1981, pp. 219-291.
- Ignacio Bosque: *Sobre la negación*, Cátedra, Madrid, 1980.
- Ricardo Carballo Calero: *Historia da literatura galega contemporánea*, Galaxia, Vigo, 1975, 2ª ed., pp. 143-234.
- : *Letras galegas*, AGAL, Corunha, 1984.
- Rosalía de Castro: *Cantares gallegos*, edición de Ricardo Carballo Calero, Anaya, 1963.
- : *Folhas novas*, edição crítica de E. Souto e Prólogo de F. Salinas, AGAL, Corunha, 1985.

- Comissom Lingüística da AGAL: *Estudo crítico*, AGAL, Corunha, 1983.
- Cándido de Figueiredo: *Grande dicionário da língua portuguesa*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1939, II vol., 15ª ed., (1978).
- Theodor Lewandowski: *Diccionario de lingüística*, Cátedra, Madrid, 1982.
- Jean Baptiste Marcellesi e Bernard Gardin: *Introducción a la sociolingüística. La lingüística social* (versión española de María Victoria Catalina), Gredos, Madrid, 1978, pp. 22-30.
- C.H. Poullain: *Rosalía de Castro y su obra*, Editora Nacional, Madrid, 1974.
- Guillermo Rojo: *Perífrases verbales en el gallego actual*, Verba, Universidade de Santiago, 1974.
- : *Cláusulas y oraciones*, Verba, Universidade de Santiago, 1978.
- José Luis Varela: *Poesía y restauración de Galicia en el siglo XIX*, Galaxia, Vigo, 1984, pp. 139-165.